

(IN)DISCIPLINA ESCOLAR

Aline da Silva Martins¹
Caroline Silva de Araújo²
Elena Esteban Del Valle³
Fernanda Carine Alves⁴
Marleide Rodrigues Silva⁵
Mateus Ferreira Nascimento⁶
Midiane Machado da Silva⁷

RESUMO

A fim de ressaltar a importância do tema, o presente artigo foi desenvolvido a partir de pesquisa bibliográfica, objetivando ser uma breve revisão, apresentando a trajetória histórica e verificar as possíveis causas da indisciplina escolar, evidenciadas pela crise de valores vividos e compartilhados socialmente. Como resultado, verifica-se a importância de se propor práticas pedagógicas que permitam confrontar questões e problemas do mundo real e estabelecer ações cooperativas em busca de soluções para a escola da atualidade.

Palavras-chave: disciplina; indisciplina; desenvolvimento moral; práticas educativas.

1 INTRODUÇÃO

Fazendo uma análise temporal da indisciplina escolar vimos que é um problema que perpassa séculos. Problemas esses, intimamente ligados aos fatores sociais, políticos e econômicos, vividos e disseminados em cada momento histórico. A construção da disciplina passa necessariamente pela discussão do desenvolvimento moral e ético, acionando diferentes formas de agir e pensar nas relações sociais: interpessoais e intrapessoais.

Práticas desrespeitosas e maus comportamentos não acontecem apenas no ambiente escolar, alunos indisciplinados são influenciados desde o ambiente familiar até a instituição escolar, e quando não há nenhuma ação efetiva na busca soluções,

1 Graduanda do Curso de Pedagogia do Centro Universitário Paulistano, allineamartins23@gmail.com;

2 Graduanda do Curso de Pedagogia do Centro Universitário Paulistano, caroline28121997@gmail.com;

3 Professora orientadora, Centro Universitário Paulistano, elena.edv@gmail.com

4 Graduanda do Curso de Pedagogia do Centro Universitário Paulistano, fernandaalves1991@outlook.com;

5 Graduanda do Curso de Pedagogia do Centro Universitário Paulistano, rodrigues_marleide@hotmail.com;

6 Graduando do Curso de Pedagogia do Centro Universitário Paulistano, nascimento.ferreira2017@outlook.com;

7 Graduanda do Curso de Pedagogia do Centro Universitário Paulistano, midyh.silva@gmail.com.

acompanhamentos e parcerias através da família-escola, a indisciplina pode ser o início para a violência.

O ensino teria como um de seus obstáculos centrais a conduta desordenada dos alunos, traduzida em termos como: bagunça, tumulto, falta de limites, maus comportamentos, desrespeito às figuras de autoridade etc. (Aquino, 1996, p. 40)

Diante do exposto, a indisciplina tem sido um grande entrave nas relações interpessoais, onde se atribui uma carência intrapessoal do educando, causada por condicionantes culturais; problemas econômicos; psicológicos, a carência familiar ou a distúrbios psicológicos dos alunos; a má formação dos educadores refletida na baixa qualidade da educação nas escolas. Com isso tornou-se um dos maiores obstáculos pedagógicos atualmente, é um dos causadores do fracasso e evasão escolar.

Ter em conta que o fracasso escolar é uma expectativa mínima de estudos não atingida pelo educando, observamos que é um problema estrutural e envolve diversos aspectos da vida do aluno, afetando e impactando as condições cognitivas, psicológica, social e física.

A questão social e educacional lesiona diretamente o futuro do país, pois o despreparo dessas crianças e jovens, imersas em uma sociedade caçadora de culpas, vai ao encontro com o sucesso econômico, social e educacional, o que torna a busca de soluções, uma questão complexa e distante da nossa realidade. Podemos indicar três principais meios para instalação do fracasso: o aluno, o ambiente e o sistema educacional.

Quando falamos do aluno, o apoio que ele tem por parte da família, reflete no seu esforço e no nível motivacional que, influencia também nos seus interesses, atitudes, crenças em relação ao ensino. O incentivo, advindos do meio em que está inserido, oferecido ao estudante é crucial para a sua motivação e determinação em prol da satisfação escolar. Infelizmente a base estrutural da família/ meio, muitas vezes carente, ao invés de motivar, passa ser um meio para o fracasso.

Já o sistema de ensino é um dos principais colaboradores para fracasso, com suas práticas, atitudes e crenças não ancoradas na democracia.

A evasão e o abandono referem-se à desistência do ensino, seja ele por permanência ou por infrequência, são consequências do fracasso gerado por questões sociais e de responsabilidade coletiva: sociedade, família e escola.

A evasão impacta a vida profissional e pessoal do indivíduo, pois sem a formação básica, o ingresso ao mercado de trabalho se torna-se quase inatingível. Frente a esse cenário, existe algo que a escola possa transformar em suas práticas para minimizar o problema da indisciplina escolar?

Com essas perspectivas inclui os objetivos pretendidos no presente artigo ao que se propõe: apresentar o embasamento teórico-prático sobre (in)disciplina escolar, causas evidenciadas pela crise de valores vividos e compartilhados socialmente e contribuir para reflexões e mudanças da postura frente ao educando, trazendo todos os envolvidos na construção de práticas pedagógicas cooperativas.

2 A TRAJETÓRIA DA INDISCIPLINA ESCOLAR

A escola surge com a função de complementar o trabalho disciplinar que antes estava nos domínios do Estado, Religião e da Família, cujo objetivo era submeter professores e alunos a um modelo de educação altamente especializado no controle e disciplinamento de “corpos e espíritos”, a regras e ritos.

Esse modelo consta descrito no relato das relações estabelecidas dentro do espaço da sala de aula , em 1895, feito pelo escritor Contreras.

Terminada a classe de leitura, o mestre, sentado numa cadeira alta sobre um largo estrado, dá com uma régua três pancadas sobre a mesa que tem defronte. Murmúrios de vozes sumidas, tropel de passos ruidosos respondem a esse sinal: cada menino acode ao seu lugar marcado nas mesas de escrita, e por fim se restabelece o silêncio. Formando filas, de oito em oito, silenciosos, de pé e chegados aos estreitos bancos, os meninos esperam com os olhos postos na mão do mestre até que um só golpe, seco e mais forte que os anteriores, lhes digam que podem sentar-se. Novo sussurro: choques de madeira papeis e mãos; as carteiras se abrem e fecham durante cinco minutos; os tinteiros são suspensos para observar através do vidro o nível da tinta; os cadernos recebem de vez em quando o toque dos dedos umedecidos virando-lhes as folhas; experimenta-se a tempera das penas de aço de encontro à unha do polegar esquerdo. Já se prolongam em demasia os preparativos; risos abafados começam a misturar-se com frases ditas à meia voz e beliscões, pontapés à sorrelfa e mesmo pescoções são afinal reprimidos pela voz do mestre gritando, “Silêncio!” e pela forte e derradeira reguada sobre a mesa. Calam-se os meninos e escrevem. Na grande sala do colégio só se ouvem as penas rangendo nervosamente e o monótono zumbido das moscas. Cessa então o mestre de examinar os alunos, recosta-se um pouco à cadeira, pega num livro as mãos ambas e põe-se a ler distraidamente. (Contreras, 1895, p. 77-78).

Como se vê em uma sociedade menos democrática, mais homogênea, onde todos vestem o mesmo uniforme de conduta, a escola utiliza elementos rígidos de controle: cumprimento cego às regras estabelecidas como garantia de um bom comportamento social; regras e comportamentos estabelecidos por coação, que permanecerão presentes na escola atual. Esse fator, em muitos casos são reflexos da realidade social atual, permeada por violência e desestruturação familiar.

É preciso compreender que aconteceram grandes mudanças sociais, marcadas pelas relações interpessoais, nas últimas décadas. Com elas, houve a necessidade de reestruturar a realidade escolar e de certa forma compreender o conceito de disciplina, que em muitos casos, transmite a ideia de limites e cerceamentos.

La Taille (2006, p.11), diz que a situação do mundo hoje é paradoxal. “De um lado, verificamos um avanço da democracia e do respeito aos direitos humanos. Mas, de outro, tem-se a impressão de que as relações interpessoais estão mais violentas, instrumentais, pautadas num individualismo primário, num hedonismo também primário, numa busca desesperada de emoções fortes, mesmo que provenham da desgraça alheia”, e afirma: “definir indisciplina não é tarefa fácil. Ao contrário. O tema é delicado, perigoso até”.

Segundo o autor, são três os motivos que justificam essa afirmação: dizer que a indisciplina acontece pela falta de valores do nosso tempo pode ser um moralismo ingênuo; explicar o fenômeno em uma única dimensão excluiria outras perspectivas, como sociológicas e pedagógicas e a indisciplina pode ter muitas interpretações dependendo do contexto onde está inserida, trazendo consigo certa ambiguidade. Vejamos a seguir:

[...] o conceito de indisciplina, como toda criação cultural, não é estático, uniforme, nem tampouco universal. Ele se relaciona com o conjunto de valores e expectativas que variam ao longo da história, entre as diferentes culturas e numa mesma sociedade: nas diversas classes sociais, nas diferentes instituições e até mesmo dentro de uma mesma camada social ou organismo (Rego, 1996, p. 84).

3 A CONSTRUÇÃO DA DISCIPLINA

Nos dias atuais educar é levar o aluno a trilhar caminhos de um mundo inseguro, que tem como marca registrada: a violência, a falta de respeito e o

individualismo levam a refletir dois conceitos fundamentais da boa educação e do convívio social: a moral e a ética.

A moral e valores são temas amplamente discutidos desde os tempos primórdios, com os estudiosos da educação, entre eles Aristóteles, Platão, Nietzsche dentre outros. O conceito de moral sofre mudanças ao longo da história, portanto aquilo que antes era moral, hoje pode não o ser. Foi estabelecida como uma forma de convivência pacífica quando o homem precisou viver em comunidade.

Dentre as teses sobre o assunto, destaca-se a teoria de Piaget sobre do desenvolvimento da moral, que decorre da interação do sujeito com os diferentes ambientes sociais, em três fases que ele denominou de anomia, heteronomia e autonomia:

Anomia (crianças até 5 anos): geralmente a moral não se coloca, as normas de condutas são determinadas pelas necessidades básicas. Porém, quando as regras são obedecidas, são seguidas pelo hábito e não por uma consciência do que se é certo ou errado.

Heteronomia (crianças até 9, 10 anos de idade): O certo é o cumprimento da regra e qualquer interpretação diferente desta não corresponde a uma atitude correta. A criança estabelece relações assimétricas com as figuras de autoridades e no julgamento do que é certo e errado, gerando assim uma obediência baseado no respeito unilateral.

Autonomia: legitimação das regras. O respeito às regras é gerado por meio de acordos mútuos, bem como a capacidade de descentralização. Essa fase é a superação da Heteronomia, não obedece a uma idade cronológica, é marcada como a última fase do desenvolvimento da moral.

O estudioso considerou a possibilidade do sujeito adulto não chegar à última fase por vários motivos, já que as fases vão se desenvolver a partir das interações desse com os diferentes meios sociais em que foi exposto e como se deu essas interações.

A educação tem o principal objetivo de formar pessoas ativas e autônomas e essa formação só vai se concretizar em um ambiente estimulador, onde os direitos humanos são respeitados, com todas as suas especificidades.

3.1 Desenvolvimento moral e ético

Partindo do pressuposto, que é papel da escola, juntamente com outras instituições sociais, educar para a cidadania então se faz necessário debruçarmos na moralidade definida como a ética do cuidado, a qual se centra na capacidade de pensar no equilíbrio e na saúde das relações, entre as pessoas e em um desenvolvimento pessoal voltado para a autonomia do pensar e agir.

Moral é o conjunto de deveres derivados da necessidade de respeitar as pessoas, nos seus direitos e na sua dignidade. Logo, a moral pertence à dimensão da obrigatoriedade, da restrição de liberdade, e a pergunta que resume é: “Como devo agir?”.

“Ética é a reflexão sobre a felicidade e sua busca de viver uma vida significativa, uma “boa vida”. Assim definida, a pergunta que resume é: “Que vida quero viver”? É importante atentar para o fato de essa pergunta implicar outra: “Quem eu quero ser”? (La Taille, 2006, p.15).

De acordo com Piaget (1997) o equilíbrio é indispensável para que erros sejam corrigidos e compensados.

Em uma perspectiva da equilibração, deve-se procurar nos desequilíbrios uma das fontes de progresso no desenvolvimento dos conhecimentos, pois só os desequilíbrios obrigam um sujeito a ultrapassar seu estado atual e procurar seja o que for a direções novas. (Piaget, 1997, p. 87).

Do ponto de vista de Piaget, as situações que colocam em xeque aquilo que o indivíduo já sabe são as fontes da evolução das estruturas cognitivas. Sem elas, não haveria o processo de equilibração ("fontes de progresso no desenvolvimento dos conhecimentos"). Entretanto, é importante ressaltar que, ainda que as situações desestabilizadoras possuam um papel desencadeador (levando a pessoa a refletir sobre o desafio), para que haja aprendizado, é necessário que o sujeito tenha um papel ativo, tomando o problema para si e realizando um esforço cognitivo para superá-lo.

Sabendo da importância em não só vivenciar a moral, mas de refletir, discutir e analisar as atitudes, além de se trabalhar conteúdos éticos, faz-se também necessário, que os alunos (e adultos) tenham experiências vividas efetivamente com os valores morais, propiciando uma atmosfera sociomoral cooperativa no contexto educativo. Importante oferecer sistematicamente oportunidades para que a construção de valores morais aconteça, como um objeto do conhecimento que

depende da tomada de consciência e, portanto, de momentos em que se possa pensar sobre o tema.

Isso nos remete à fala da nossa orientadora do artigo Valle (2020), em que na tentativa de resolver conflitos cotidianos vividos na escola, em sua condução, pautada pela palavra de ordem: RESPEITO promovia reflexões: “você tem de sempre pensar assim, é o seu jovem cuidando do seu idoso, então o que você faz hoje vai ficar para você. Pense que todo dia você tem de ser e compartilhar o melhor de você. Dividimos o mesmo espaço e tempo escolar, com crianças e adultos, então qual é a nossa responsabilidade se não nos comprometemos com todos que vivemos? Isso fazia tanto sentido para eles que retribuiam a regra por reciprocidade, compreendendo sua natureza, e por ações cooperativas que visavam o cuidado com a convivência coletiva”.

4 DESAFIOS FUTUROS: PROPOSTAS DE AÇÕES

Atualmente nossa sociedade está vivendo um momento atípico em sua história, isso devido a estar passando por uma pandemia, o que levanta questões como: como estão sendo ministradas as aulas? Como está sendo a disciplina nos estudos? Está havendo engajamento no sistema de ensino aprendizagem?

Essas questões não vão muito além das que temos quando estamos vivendo, relativamente, em situação normal. A internet é realmente uma grande ferramenta para favorecer a aprendizagem, contudo também se sabe que ela é também é uma grande distração e um gigantesco empecilho se usada de forma errática, o que infelizmente geralmente ocorre.

Antes esses dois polos: a tecnologia e a escola, eram colocados como inimigos naturais, devido à falta de qualificação, infraestrutura e interesse para juntá-las e tornar a escola melhor e mais qualificada. Agora uma não sobrevive sem a outra, o que antes havia o discurso do tipo “é proibido celular em sala de aula” ou “fiquem calados para não atrapalhar a aula”, hoje foi substituído por professores desesperados para que seus alunos se comuniquem que liguem a câmera e coisas do tipo.

Nas escolas privadas, em grande parte, estão tendo aulas remotas ao vivo, aulas gravadas previamente ou até mesmo atividades enviadas para serem feitas. Quando se fala nesse tipo de escola tende-se a pensar que os alunos são ou estão

mais engajados e motivados, isso devido a se basearem em fatores que realmente influenciam, como a estes alunos possuírem infraestrutura para acompanhar as aulas e melhor qualidade de vida.

Todavia inúmeros foram os relatos de professores da rede privada, principalmente no começo dessa pandemia, que reportavam aos seus superiores situações no mínimo constrangedoras e catastróficas, alunos xingando professores, docentes sozinhos em sala de aula virtual, educandos compartilhando vídeos impróprios para suas idades, áudios inoportunos que deixaram os professores “sem graça”, conversas em volume exagerados, gritaria e uso inadequado do chat.

Na escola pública o quadro é ainda mais preocupante, além de todos os pontos negativos mencionados anteriormente, a instituição pública não desfruta da mesma infraestrutura, nem do mesmo “prestígio”, logo seus alunos são mais desmotivados e desmerecidos em sociedade, disso surge à pergunta: como ela está sobrevivendo então? A resposta é cruel e desmotivadora para qualquer um que esteja envolvido com essa área, as aulas mais se parecem com palestras online gratuitas, não que essas palestras sejam ruins, mas no momento não é desse tipo de educação que precisamos.

Já era difícil para um docente ministrar uma aula de cinquenta minutos para quarenta alunos, com esse novo modo de dar aula, que consiste em os alunos assistirem aulas ao vivo por meio de canais televisivos e por aplicativos, ministrados por professores da rede, ou a comunicação por meio do chat e de vídeos. Aulas desse tipo “viralizaram” na internet por seus métodos pouco interativos e interessantes, professores colocando músicas nada indicativas para a aula. Ainda sobre a participação dos alunos em aula encontramos um gigantesco problema para a aula ocorrer, o investimento na infraestrutura para se ter acesso ao conhecimento.

A indisciplina nesse novo cenário em que as relações são virtuais, também mudou de formato, agora falamos das agressões virtuais: *cyberbullying* e as *cyber agressões*. Então como podemos trabalhar as questões de convivência em tempos de isolamento social?

Tornasse imperativo pensar em um plano de convivência virtual; a nossa responsabilidade enquanto instituição formadora é possibilitar que os alunos repensem a maneira pela qual estão se comportando nas redes sociais, como se colocam nos compartilhamentos e ações na internet, que acabam por desvelar sua

identidade virtual. Eis a necessidade de a escola intervir e querer ajudar nesse momento em que tantas *fake news*, *linxamentos virtuais*, perseguições sejam temas de reflexão com os alunos.

Então, temos duas grandes dimensões que devem ser repensadas nessa convivência digital: trabalhar com as identidades virtuais e os valores relacionados naquilo que as pessoas postam. Buscar estratégias de trabalho que permita uma tomada de consciência, reflexões que promovam mudança do ponto de vista, se colocando no lugar do outro, para que em um movimento autônomo, consigam se autorregular e construir o valor do respeito, da justiça e da tolerância.

A necessidade hoje se faz em criar espaços, para famílias e alunos, em que tenham acolhidos seus sentimentos e atividades pensadas com o princípio da construção por processo de autorregulação do sujeito.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os conflitos escolares nunca deixarão de existir, o respeito às regras e sua constante construção e reavaliação é à base de todo o convívio em sociedade. Saber como o ser humano se desenvolve moralmente e considerar a escola como um espaço propício para a vivência de relações interpessoais é essencial para encontrar as raízes da indisciplina.

Questões ligadas à moral e à vida em grupo devem ser tratadas como conteúdos de ensino. Caso contrário, corre-se o risco de permitir que as crianças se tornem adultos autocentrados e indisciplinados em qualquer situação, incapazes de dialogar e cooperar. A autonomia só passa a existir quando as relações são baseadas, desde a fase heterônoma, na cooperação e no entendimento do que é ou não é moralmente aceito e por quê. Sem isso, é natural que, conforme cresçam mais indisciplinados fiquem os alunos. Combater a indisciplina não passa por uma volta à rigidez e inflexibilidade de antigamente, precisamos sim reafirmar e conquistar a autoridade escolar, mas que seja pela autorreflexão, formação e esforço de toda equipe. Para transformar o ambiente, o discurso tem de ser constante e exemplificado por ações de todos.

Concluimos que a escola deva ser um ambiente que prime por formas mais cooperativas de ação, que favoreça relações interpessoais pautadas no respeito e

diálogo mútuo, na reciprocidade das regras, na resolução de conflitos que supere formas coercivas de ação. O caminho para tal conquista passa pela formação moral e ética, compartilhadas no convívio diário das instituições educativas.

REFERÊNCIAS

AQUINO, Julio Groppa. **Indisciplina na Escola: Alternativas Teóricas e Práticas**. São Paulo: Summus. 1996.

CONTRERAS, Luís Ruiz. *Novelas infantis: biblioteca das escolas*. Rio de Janeiro: Garnier, 1895.

LA TAILLE, Yves. **Limites: três dimensões educacionais**. São Paulo: Ática, 1999.

_____. **Moral e Ética: dimensões intelectuais e afetivas**. São Paulo: Artmed, 2006.

PIAGET, J. **O Desenvolvimento do Pensamento: equilíbrio das estruturas cognitivas**. Lisboa: Dom Quixote, 1977.

_____. **O Juízo Moral da Criança**. Trad. Por Elzon Lenardon, São Paulo: Summus, 1994.

REGO, T. C. R. A indisciplina e o processo educativo: uma análise na perspectiva vygotskyana. *In: AQUINO, J. G. (org.). Indisciplina na escola*. 11. ed. São Paulo: Summus, 1996, p. 83-101.